

**A TARDE**

O jornal de toda Bahia

**CAMPANHA** De acordo com o governo, resultados superaram as expectativas; ação termina hoje

# Vendas no varejo aumentam 12% em quatro dias da Semana do Brasil

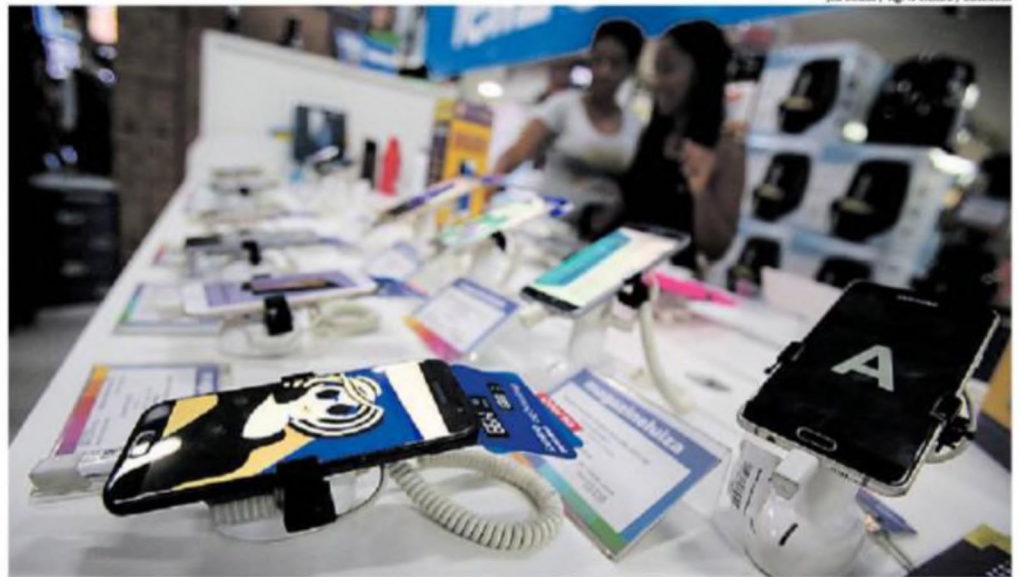
**MARIANA TOKARNIA**

Agência Brasil, Brasília

De acordo com balanço divulgado ontem pela Secretaria Especial de Comunicação Social (Secom) da Presidência da República, em quatro dias da campanha Semana do Brasil, as vendas no varejo em todo o país registraram crescimento nominal de 12%. O aumento foi apontado entre os dias 6 e 9 de setembro. De acordo com a Secom, os resultados superaram as expectativas. A ação vai até hoje.

A iniciativa visa a estimular as compras, com promoções e descontos especiais, gerando resultados positivos para a economia do país. Ao todo, mais de 4,5 mil empresas dos setores varejista, imobiliário, de publicidade e de comunicação participam da iniciativa, como a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), empresa pública do governo federal. Esses meios de comunicação veiculam mensagens publicitárias sobre a campanha.

Segundo o levantamento feito pela empresa de serviços financeiros Cielo, para a alta de 12% nas vendas contribuíram os setores de cosméticos, que registraram aumento de 19%; móveis e eletrônicos, com alta de 16%; supermercados, com 13%, e



Levantamento aponta que setor de cosméticos registrou alta de 19%; móveis e eletrônicos, 16%; vestuário, 7%

**A 'Semana' é inspirada em campanhas de varejo de outros países, como os EUA**

vestuário, com 7%. O crescimento foi medido em comparação às médias de dias regulares do primeiro semestre de 2019.

**Imóveis**

No setor imobiliário, segundo a Secom, o clima entre os empresários é de otimismo. "Desde o início da campa-

nha, foi registrada uma adesão expressiva de incorporadoras, com mais de 50 empresas anunciando "1 ano de condomínio grátis" apenas na cidade de São Paulo.

Houve aumento de visitas aos estandes e vários negócios estão sendo realizados", diz em nota. A semana, que aproveita as comemorações

do 7 de setembro, data em que se celebra a Independência do Brasil, tem como mote "Vamos valorizar o que é nosso", e é inspirada em campanhas de varejo de outros países, como os Estados Unidos, que costumam realizar promoções em feriados nacionais. A ideia é gerar um ambiente de confiança.

## Ponto de interrogação

Um mistério quebra a cabeça de integrantes da Procuradoria-Geral da República (PGR): onde foi parar a sindicância investigativa que tramitou contra o governador Rui Costa (PT) no Superior Tribunal de Justiça (STJ) até junho de 2018. O caso tem origem no suposto repasse de caixa dois para a campanha de Rui ao governo do estado em 2014, tendo como contrapartida o pagamento de aproximadamente R\$ 390 milhões em dívidas antigas da Companhia de Engenharia e Recursos Hídricos da Bahia (Cerb) com uma das empreiteiras ligadas ao esquema da Lava Jato, de acordo com a Operação Cartão Vermelho. No ano passado, o ministro do STJ Benedito Gonçalves recusou foro privilegiado de Rui na Corte, já que as suspeitas se referem ao período anterior ao seu mandato, e determinou a remessa dos autos para a primeira instância na Bahia.

### **FORA DO RADAR**

Passados quase um ano e três meses, procuradores da PGR não descobriram em que alçada da Justiça foi parar o caso, nem se o Ministério Público do Estado ou a Polícia Civil instauraram inquérito.

## Pé na estrada

Porta-voz da Câmara para a reforma tributária e relator da proposta na Comissão de Constituição e Justiça da Casa, o deputado federal João Roma, do Republicanos (ex-PRB) vai vender o peixe hoje de manhã em um encontro do Fórum Empresarial da Bahia, grupo que reúne lideranças dos principais setores da economia do estado. Desde que começou a rodar o Brasil para apresentar a reforma, Roma busca agregar apoio na iniciativa privada e nas universidades para facilitar uma aprovação rápida da matéria. Ao mesmo tempo, lidera as costuras para garantir que o plenário conclua a votação da proposta em dois turnos até meados de outubro.



## Prévia do PIB recua 0,16% em julho, aponta Banco Central

**PESQUISA** O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), uma espécie de prévia do Produto Interno Bruto (PIB), retraiu 0,16% no mês de julho na comparação com o mês anterior, conforme divulgou a autoridade monetária ontem. No segundo trimestre, a prévia do PIB retraiu 0,13%

A queda ocorre depois de dois meses de crescimento. O indicador avançou 1,16% em maio e 0,34% em junho, os únicos dois registros positivos ao longo dos sete meses deste ano.

Na comparação anual, porém, o indicador se expandiu: em relação a julho de 2018, o avanço foi de 1,31%, ainda de acordo com os dados do BC.

Se considerados os primeiros sete meses de 2019, o cenário também é de alta: o indicador avançou 0,78% de janeiro a julho. Em doze meses, de julho de 2018 a julho de 2019, o avanço foi de 1,07%.

Veículo: Folha de São Paulo	Caderno: Mercado
Data: 13/09/2019	Página: --

## FOLHA DE S.PAULO



### **Economia brasileira mostra ritmo fraco de crescimento neste 3º trimestre**

*Dado positivo de comércio e serviços afasta risco de retração, mas crise externa impede retomada*

**Eduardo Cucolo**  
SÃO PAULO

A economia brasileira tem mostrado neste 3º trimestre ritmo fraco de crescimento, similar ao verificado desde o final da recessão de 2015-2016, sem perspectivas de melhora significativa dos níveis de produção, investimentos e emprego.

Os dados de julho mostram que, por um lado, houve uma interrupção na tendência de recuperação do setor industrial vista no segundo trimestre. Por outro, os resultados vieram acima do previsto para os setores de comércio e serviços.

Os números preliminares de agosto desanimaram até o Ministério da Economia, que falou em "fundo do poço" e espera melhora na atividade a partir de setembro.

Luka Barbosa, economista do Itaú Unibanco, afirma que a projeção da instituição é um crescimento de 0,2% no terceiro trimestre, abaixo do 0,4% do segundo trimestre, ambos na comparação com os trimestres anteriores. Antes da divulgação dos dados do comércio e dos serviços, a projeção era de ligeira retração.

“Esses dados foram bons e reduziram o risco de um trimestre negativo, mas não mostram uma aceleração”, afirma o economista. “Não temos uma reação que possa resultar numa queda mais forte do desemprego.”

Os números, segundo ele, afastam o risco de uma revisão para baixo na estimativa da instituição, de crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) de 0,8% para 2019. Para 2020, a expectativa é uma expansão de 1,7%. O indicador de atividade do banco continua a mostrar um crescimento anual na faixa 1% até o momento, o mesmo que tem sido verificado desde 2017.

Luana Miranda, pesquisadora da área de Economia Aplicada do FGV IBRE, afirma que a instituição projeta para o PIB do trimestre atual uma expansão de 0,5% em relação ao trimestre anterior. Para o ano fechado, as estimativas são de crescimento de 1,1% em 2019 e 1,8% para 2020.

“Está muito claro novamente um descasamento entre a indústria e os serviços. Isso era algo que a gente já estava vendo no PIB nos últimos trimestres, exceto no segundo trimestre deste ano, quando a construção e a indústria de transformação mostraram algum crescimento”, afirma.

De acordo com os dois economistas, os dados já divulgados têm refletido os impactos da crise argentina e da desaceleração do crescimento mundial sobre o Brasil.

“Esse resultado de comércio e serviços é um bom indicativo. É só o primeiro mês do trimestre, mas começamos bem. A indústria está indo na direção oposta, bastante relacionado com a situação na Argentina”, afirma Luana.

De acordo com a economista, indicadores antecedentes do resultado da indústria, como produção de veículos e movimento de veículos pesados apontavam para um resultado positivo em julho, o que não se confirmou, principalmente, por conta do impacto do comércio de bens intermediários fabricados no Brasil e que servem de insumos para o setor na Argentina.

Ela diz que a instituição segue apostando na continuidade do crescimento da construção e em uma contribuição positiva dos serviços para o resultado do ano. Para os investimentos, por outro lado, espera uma desaceleração.

“Portanto, o consumo das famílias segue tendo participação importante da recuperação da economia”, diz Luana, citando o efeito dos saques do FGTS que começaram nesta sexta-feira.

Luka Barbosa, do Itaú Unibanco, diz que os principais fatores que estão prejudicando a atividade econômica são a desaceleração global da economia e a crise fiscal no Brasil, que reduziu o espaço do governo para investimentos.

Em relação ao cenário externo, o fator mais importante é o impacto no Brasil da desaceleração das economias dos EUA e da China. “A Argentina reforça esse quadro de atividade econômica ruim no mundo, mas não é o mais relevante”, afirma Barbosa.

Em relação à questão fiscal, o economista afirma que o Brasil deve aprofundar as reformas do lado da despesa obrigatória, para abrir espaço para o gasto discricionário, que inclui investimentos, crescer sem comprometer a dívida pública e o teto de gastos.

“São os dois fatores que tonam mais difícil a retomada do Brasil. O que está contribuindo positivamente é a queda na taxa de juros e o crescimento do crédito privado para pessoas físicas e jurídicas. Não fosse isso, o desempenho da economia estaria mais fraco.”

Os números de julho apresentados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) nas duas últimas semanas mostram que a produção industrial recuou 0,3% em relação ao mês anterior. As vendas no comércio varejista cresceram 1% na mesma comparação, enquanto o setor de serviços registrou avanço de 0,8%, com resultados que surpreenderam positivamente.

Divulgado nesta sexta (13), o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) teve reco de 0,16% no mês em comparação a junho, pior queda mensal de julho em três anos.

A projeção do mercado financeiro para o PIB de 2019 é de 0,87%, segundo o Boletim Focus do Banco Central. O governo prevê um crescimento ligeiramente menor, de 0,85%.

Economistas de importantes bancos e consultorias têm revisado suas projeções de crescimento para níveis inferiores a 2% em 2020.



# Governo estima abrir mão de R\$ 331 bi em arrecadação em 2020 com renúncias tributárias

*Essas renúncias são alvo agora da equipe econômica que pretende fazer uma 'limpeza' na concessão dos incentivos tributários*

**Adriana Fernandes, O Estado de S.Paulo**

02 de setembro de 2019 | 19h20

BRASÍLIA - O governo federal estima que vai abrir mão de R\$ 331,2 bilhões de arrecadação no ano que vem por conta de renúncias tributárias. O valor - equivalente a 4,35% do **Produto Interno Bruto (PIB)** - foi enviado nesta segunda-feira ao **Congresso Nacional** pela **Receita Federal** para compor o **Orçamento** do ano que vem. Por essa estimativa, as renúncias vão subir 8,09% em relação ao gasto tributário deste ano.

Pelos cálculos da Receita, as renúncias - chamadas no jargão do governo de gastos tributários - correspondem a 21,8% de tudo que a Receita projeta arrecadar no ano que vem com a cobrança de impostos e contribuições federais. O governo deve abrir mão dessas receitas mesmo sendo obrigado a **tesourar o Orçamento de ministérios em 2020** na comparação com este ano para conseguir fechar as contas.

Essas renúncias são alvo agora da equipe econômica que pretende fazer uma "limpeza" na concessão dos incentivos tributários para abrir espaço no Orçamento e reduzir o déficit público.

O tamanho das renúncias também ganhou relevância no Congresso em meio ao debate sobre a crise fiscal que tem retirado recursos de áreas como educação, saúde, infraestrutura e outros investimentos.

Em 2019, as renúncias projetadas somam R\$ 306,40 bilhões, representando 4,12% do PIB. Em 2020, o valor é maior, segundo a Receita, porque **foi incluída pela primeira vez a perda de arrecadação com a isenção dada para Letras hipotecárias, certificados de recebíveis e letras de crédito do agronegócio e do setor imobiliário**. Segundo a Receita, houve um impacto relevante no montante previsto para 2020 em relação à projeção feita para o ano anterior.

A maior parte das renúncias será concedida para as empresas e pessoas físicas que moram na região Sudeste, que abocanhará 50,83% de tudo que o governo deixou de arrecadar com as políticas de isenções e benefícios tributários. Os Estados do Sul ficam em segundo lugar, com 14,59% das renúncias.

Os dados da Receita apontam para uma concentração de 79,31% do valor dos gastos em cinco áreas. São elas: Comércio e Serviço (28,11%); Saúde (16,63%); Trabalho (14,11%); Indústria (10,39%); e Agricultura (10,07%). A Cofins e a Contribuição Previdenciária são os tributos que concentram a maior parte dos gastos tributários. As renúncias relativas à Cofins representam 21,74% do total e 0,95% do PIB; os da Contribuição Previdenciária, 20,86% do total e 0,91% do PIB, seguidos do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) (17,17%) e 0,75% do PIB.

O Simples Nacional é o gasto tributário de maior participação no valor total (25,13%), seguido do IRPF (10,48%), Entidades sem fins lucrativos, que são imunes e isentas, (9,22%), Agricultura e Agroindústria (8,84%) e Zona Franca de Manaus e Áreas de



Veículo: O Estado de S. Paulo	
Data: 16/09/2019	Caderno: Economia



# A vez da reforma do Estado

Assim como ocorreu no debate sobre a reforma da Previdência, o redimensionamento do Estado deve ser apresentado por seu aspecto técnico e econômico.

A dinâmica política que levou a reforma da Previdência para o topo da agenda nacional, tornando-a aceitável e até mesmo desejável para muitos eleitores e parlamentares que nem sequer podiam ouvir falar desse assunto há não muito tempo, é a mesma que parece empurrar outra reforma crucial, a do Estado, para o centro das atenções. Já não era sem tempo.

Mais uma vez, contudo, a exemplo do que vem acontecendo na discussão da reforma tributária, o governo de Jair Bolsonaro vem sendo o grande ausente dos debates. A despeito do discurso de Bolsonaro na campanha, que prometia uma revolução administrativa, não se sabe bem o que o governo propõe para a reformulação do serviço público e do próprio papel do Estado. Salvo alterações pontuais na disposição da Esplanada dos Ministérios, que representaram quase nada em termos de economia e de racionalização de recursos, o presidente Bolsonaro não revelou ao País qual é a sua ideia de Estado e de administração pública.

A questão atingiu dimensão tal que não é mais possível falar apenas em uma reforma administrativa, como as que foram tentadas nos anos 80 e 90. Não se trata somente de pôr cobro a exagerados benefícios do funcionalismo público nem tampouco de remodelar a estrutura burocrática, mas sim de repensar os diversos aspectos da relação entre administração e sociedade. Esse debate deve se dar à luz das cada vez mais evidentes restrições fiscais, que ameaçam inviabilizar o funcionamento do Estado e que reduzem ano a ano os investimentos públicos destinados a melhorar a infraestrutura do País e a estimular a economia.

Tendo em vista esse cenário de aperto, cujos efeitos negativos se fazem sentir por quase todos os cidadãos, mas especialmente pelos mais pobres, ganhou urgência avançar numa discussão franca sobre o papel do Estado e o nível desejável de intervenção governamental na vida econômica da sociedade.

As vacas magras finalmente começam a obrigar alguns administradores públicos a delimitar as verdadeiras prioridades do País, pois a alternativa é o colapso. Não se pode mais aceitar que haja privilégios a servidores públicos bem remunerados enquanto faltam recursos para oferecer o básico – principalmente saúde, educação, transporte e saneamento básico – à população de baixa renda. Tampouco se pode continuar a admitir ou desejar que o Estado, em nome do desenvolvimento de setores ditos “estratégicos”, drene recursos públicos para se envolver em atividades econômicas que podem perfeitamente ser desempenhadas pela iniciativa privada. Um Estado eficiente está longe de ser sinônimo de Estado grande. Já está provado que, quanto maior é a estrutura do Estado, maiores são as oportunidades para a corrupção e o desperdício. A burocracia é parte da necessária estrutura para o exercício da regulação estatal, mas deve ser enxuta e inteligente, para cumprir seu papel sem prejudicar aqueles que pretendem empreender e gerar empregos.

Uma reforma nessa seara deve, portanto, reduzir as exigências burocráticas e requalificar o serviço público, premiando a produtividade e tornando mais seletiva a ascensão ao topo das carreiras do funcionalismo. Nesse contexto, faz todo o sentido o debate atual em torno da necessidade de facilitar a demissão de servidores públicos e de reduzir salários iniciais. A reação dos representantes de servidores, é claro, não tardou: uma frente parlamentar “em defesa do serviço público” já está se mobilizando para tentar impedir a reforma – ou o “desmonte do setor público”, como dizem os sindicalistas mais exaltados.

Certamente será nesse clima beligerante que as discussões sobre essa reforma vão se dar, e é por esse motivo que o governo fará bem se deixar de tratar o tema sob o aspecto ideológico, pois isso tende a crispar ainda mais os ânimos. Assim como ocorreu no bem-sucedido debate sobre a reforma da Previdência, o redimensionamento do Estado deve ser apresentado por seu aspecto eminentemente técnico e econômico. Se o governo Bolsonaro, até agora pouco atuante, quiser realmente colaborar para o sucesso dessa empreitada, deve primeiro abandonar a ladainha palanqueira, que só serve para alimentar bate-bocas estéreis.

# Mercado reduz projeção para PIB do Brasil em 2020

A mediana das projeções do mercado para o crescimento da economia brasileira em 2020 caiu de 2,07% para 2,00%, segundo a pesquisa Focus

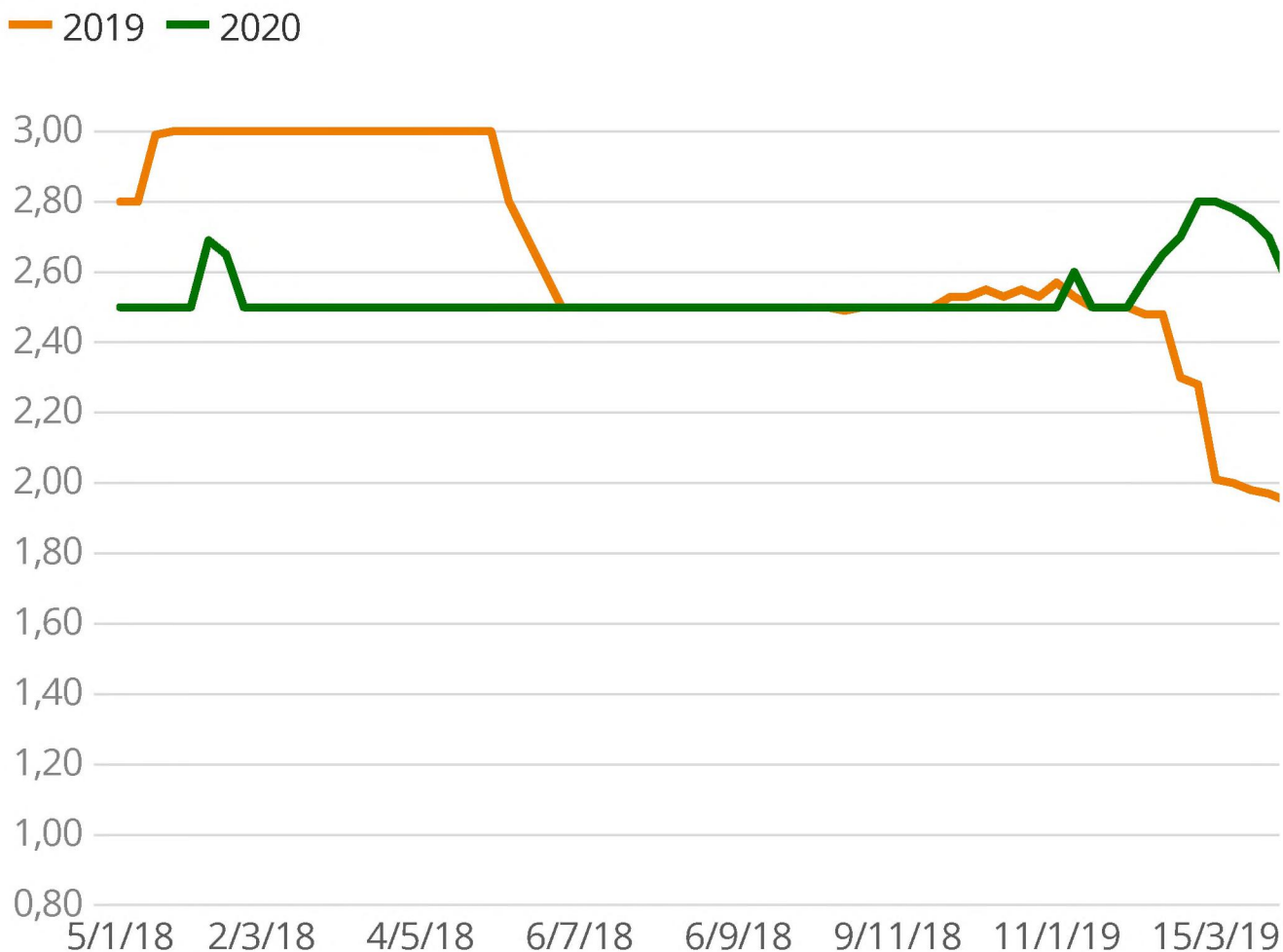
Por Felipe Frisch, Valor — São Paulo

16/09/2019 09h11 · Atualizado há 40 minutos

A mediana das projeções do mercado para o crescimento da economia brasileira em 2020 voltou a cair, agora de 2,07% para 2,00%. O dado consta na **pesquisa semanal Focus**, do Banco Central, divulgada nesta segunda-feira, com estimativas coletadas até o fim da semana passada. Para 2019, o ponto-médio das estimativas para o Produto Interno Bruto (PIB) permaneceu em uma expansão estimada em 0,87%.

# PIB

Variação das medianas das previsões  
semanais dos analistas consultados pelo BC.  
Em % ao ano



Fonte: Banco Central/Fecon

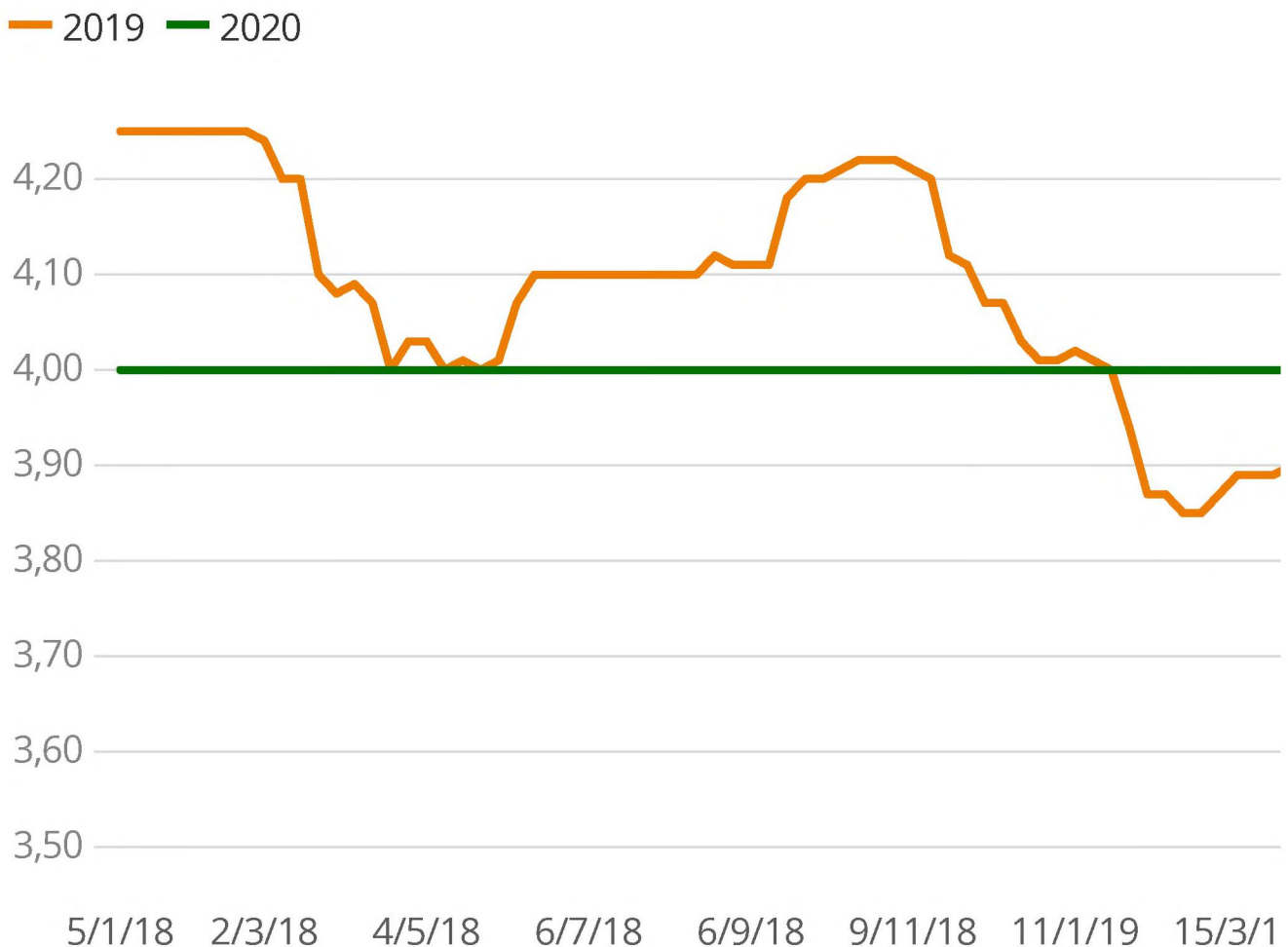
O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informou, no fim de agosto, que a economia brasileira **creceu 0,4%** no segundo trimestre, acima da mediana apurada pelo Valor Data junto a 31 consultorias e instituições financeiras, que apontava para alta de 0,2% do PIB.

# Inflação

A mediana das projeções dos economistas do mercado para a inflação oficial em 2019 teve nova queda, a sexta consecutiva, de 3,54% para 3,45%. Para 2020, o ponto-médio das expectativas para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) também recuou novamente, aí pela segunda semana seguida, de 3,82% para 3,80%.

## IPCA

Variação das medianas das previsões semanais dos analistas consultados pelo BC.  
Em % ao ano



Fonte: Banco Central/Fequit

Entre os economistas que mais acertam as previsões, os chamados Top 5, de médio prazo, a mediana para a inflação oficial também caiu, de 3,50% para 3,40%, em 2019 e manteve-se em 3,73% para 2020. Para os próximos 12 meses, a pesquisa indicou 3,41%, contra 3,53% na semana anterior.

O IPCA de agosto ficou em 0,11%, desacelerando em relação ao 0,19% em julho, praticamente em linha com a mediana das projeções de 34 consultorias e instituições financeiras consultadas pelo Valor Data, de 0,10%. O índice de inflação acumulado em 12 meses acelerou de 3,22% em julho para 3,43% em agosto. O IPCA-15, espécie de prévia

da inflação oficial, de agosto será divulgado no próximo dia 24.

A meta de inflação a ser perseguida pelo BC é de 4,25% em 2019, 4,00% em 2020, 3,75% em 2021 e 3,50% para 2022, sempre com intervalo de tolerância de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo.

---

## Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por taboola

---

### LINK PATROCINADO

Bariátrica em cápsula seca a gordura, tira o inchaço e vira febre em Salvador  
PHYTOPHEN CAPS

### LINK PATROCINADO

O segredo para comprar na Americanas que as pessoas não sabem  
CUPONOMIA

### LINK PATROCINADO

Bebê Reborn Menino PRONTA ENTREGA Corpo de Silicone  
R\$ 590,19 - ELO7.COM.BR

### LINK PATROCINADO

Jogo de Cama Solteiro Infantil Disney Moana - Santista Azul  
R\$ 65,55 - MARABRAZ.COM.BR

### LINK PATROCINADO

Colchão Bellona